



Revista
de Psicologia

DEMOCRACIA POR VIR: INDIGNAÇÃO E ESPERANÇA.

DEMOCRACY TO COME: INDIGNATION AND HOPE.

Betty Bernardo Fuks ¹

Resumo

O artigo propõe, a partir de uma reflexão da posição extraterritorial da psicanálise na cultura e as consequências disso sobre as análises de Freud e de Lacan sobre a política, pensar a democracia. Procede-se então um questionamento das manifestações coletivas ocorrida em vários países na contemporaneidade.

Palavras-chave: psicanálise, política, democracia, manifestações coletivas, identificações

Abstract

This article proposes, from a reflection on the extraterritorial position of psychoanalysis in culture and its consequences on the analyzes of Freud and Lacan about politics, to approach democracy. It then proceeds to a questioning of collective demonstrations which took place in many countries in contemporariness.

Keywords: psychoanalysis, politics, democracy, collective manifestations, identifications

¹ Betty Bernardo Fuks é doutora em Comunicação e Cultura pela UFRJ, psicanalista e professora do Curso de Pós-Graduação em Psicanálise, Ciência e Sociedade da Universidade Veiga de Almeida - RJ e da Especialização em Psicanálise da PUC - RJ. É autora de *Freud e a Judeidade*, de *Freud e a Cultura*, ambos publicados pela Editora Zahar, e de *O Homem Moisés e a religião monoteísta. Três Ensaios. O desvelar de um assassinato*, publicado pela Civilização Brasileira. E-mail: betty.fuks@gmail.com

Sabe-se que a psicanálise ocupa na cultura a posição *suis generis* de estar sempre em movimento, fora do espaço da maioria, em muitos outros espaços. Sucede que a invenção freudiana vive no entre dois: frequenta vários campos do saber (ciência, arte, estética, história, filosofia, literatura, religião política), ao mesmo tempo em que exige repensá-los. Isso é o que justifica sua função de corte e ao mesmo tempo obriga o analista a buscar seus alimentos sempre mais além, alhures. Enquanto saber extra-territorial o Inconsciente exige do analista, principalmente quando trata de questões que incidem sobre a política, estar fora e dentro da polis, isto é, no circuito em que é possível perscrutar o para-além do político - a pulsão (o atemporal) - no político (tempo histórico). Certamente, foi a partir dessa modalidade de escuta dos fenômenos sociais, que Freud pode enunciar que a vida coletiva, ao igual a do indivíduo, se traduz como embate entre os afetos de amor e ódio.

Conhecemos a análise freudiana desse estado de coisas desde Psicologia das massas e análise do eu (Freud, 1921/2014). Nesse texto o autor demonstra de que modo a coesão entre os membros da massa se dá, necessariamente, por força da convicção de cada um acerca do amor do líder - ponto de agregação que reduz o laço social ao apego especular e hipnótico -, em nome do qual virá a salvação do desamparo. Uma operação que só terá pleno êxito se for possível apagar a ambivalência amor-ódio do interior da massa, mantendo o amor de si entre os idênticos e dirigindo o ódio ao outro estrangeiro, assegurando assim uma unidade coesa. Porque o ódio garante a formação da massa e a constituição do eu? A resposta encontra-se no conceito do “narcisismo das pequenas diferenças”, base da constituição do “nós” e do outro. O termo “narcisismo” define a estrutura do amor; e o termo “pequenas diferenças” designa diferenças reais, mas não absolutamente regulares, que impe-

dem ao outro ser um perfeito semelhante ao grupo. Não se trata de uma diferença qualquer, mas daquela que produz estranhamento suficiente para lembrar a própria divisão do sujeito. Levando o fenômeno do narcisismo das pequenas diferenças ao paroxismo, desemboca-se na segregação e no racismo, tal como os define a psicanálise: repulsa do sujeito (individual ou coletivo) ao que lhe é mais íntimo e familiar mas projetado sobre o objeto externo a quem endereça o ódio. Esse potencial de exclusão, situado para além de uma diferenciação entre o “eu” e o “outro” ou entre o “nós” e os “outros” visa, justamente, eliminar a diferença.

A escrita do texto de 1921 foi premonitória. Freud desvela o ovo da serpente: na modernidade, os filhos crentes e praticantes do Pai idealizado e em nome da ideologia do sangue e do solo, levavam ao paroxismo as pulsões destrutivas e a crueldade contra o outro, então transformado no “bode expiatório” da massa. Na década de trinta, ao desconstruir a figura bíblica do legislador e fundador do monoteísmo transformando-o num egípcio, Freud confirmava o princípio psicanalítico de que a “identidade” do sujeito ou a de um povo chega sempre de fora, da alteridade. O estrangeiro na constituição de uma identidade é o ponto sobre o qual O homem Moisés e a religião monoteísta: três ensaio (Freud, 1939/2014) reitera o princípio psicanalítico de que a origem do sujeito, individual e coletivo, advém do Outro, do heterogêneo em relação ao si mesmo; do estrangeiro como condição da identidade. Mais uma vez, a psicanálise deixa entrever sua função na civilização: desconstruir o que se quer fixo e imutável. No contexto político da escrita pode-se considerar que a figura de “Moisés, o egípcio”, foi uma bela resposta à ideologia do Nacional Socialismo, em sua insistência de criar o impossível: uma unidade pura e sem falta. Aliás, essa resposta segue à risca o fundamento da categoria de

estrangeiro na obra freudiana: “o eu não é senhor nem mesmo em sua própria casa” (Freud, 1917/1976, p. 261).

Nos anos sessenta, Lacan, ciente da importância do discurso psicanalítico a apreensão dos laços sociais analisou os sintomas coletivos de maio de 1968, na intenção de demonstrar como um psicanalista deve “agir sobre a cultura” (Lacan, 1969 - 1970/ 1920 p. 177). Diante da cena em que jovens estudantes esbravejavam na rua a palavra de ordem “é proibido proibir” e o lema “as estruturas não descem à rua” - em alusão ao seu pensamento e ao de Lévi-Strauss, Lacan os “interpretou”: “Como revolucionários vocês são histéricos a demandar um novo mestre. Vocês o terão!” Como bem assinalou Sérgio Laia, em base à sua leitura do Seminário 17, a intervenção de Lacan na política de seu tempo foi singular: ao considerar o turbilhão político 68 como uma “impotência” permeada de efeitos mortíferos, sua intensão foi o de “procurar, na efusão de maio, qual o sujeito em questão, qual era a sua causa, sua determinação significativa, e o saber que dali se depreendia”. (Laia [www.institutopsicanalise-mg.com.br/psicanalise/.](http://www.institutopsicanalise-mg.com.br/psicanalise/)) Procurar o sujeito em questão significa tomar o ponto de vista da ligação íntima que a psicanálise propõe entre dimensão da política e da ética. O inédito dessa proposta advinda de um acontecimento coletivo é alertar os analistas para os efeitos da universalização e da homogeneização que prevalece na civilização moderna e sua consequência maior: o apagamento do desejo.

A incursão de Freud e a de Lacan no campo da política sempre andaram em íntima consonância com a teoria do inconsciente e ligadas à metapsicologia. Em *O mal-estar na cultura* (1930/2010) Freud, reconhece que o analista deve ser prudente e quando se trata de transferir à psicanálise à cultura para não arrancar os conceitos que a sustentam de onde nascem e se desenvolvem. A essa vigilância epistemológica

acrescenta-se a preocupação do autor em estabelecer pontos de apoio “de conhecimento especializados no campo escolhido de modo a cercar e tentar explicar as modalidades de intervenção ou parte do psíquico implicado no campo da política” (Plon, 2002). Lacan, seguindo a trilha aberta pelo inventor da psicanálise sabia da importância do analista estar atento à política de seu tempo. Na verdade ele soube transformar em injunção, toda a acuidade, a observação e a sensibilidade de Freud para com a sua época: “Que antes se renuncie a isso (exercer a psicanálise), quem não conseguir alcançar em seu horizonte a subjetividade de sua época” (Lacan, 1966/1988, p. 332).

Feita essa observação chegamos à nossa contemporaneidade. Mais precisamente às manifestações políticas que eclodiram recentemente nos quatro cantos do mundo, desmanchando o consenso entre “direita” e “esquerda” a cerca do modos operandi das instituições políticas e do capitalismo, de modo inusitado. Antes, porém, quero registrar que o título desse trabalho nasceu da leitura de um livro - *Redes de indignação e esperança* - do sociólogo Manuel Castell (2013). Pensador da sociedade conectada em rede, Castell oferece uma análise sociológica complexa sobre mídias e os novos movimentos sociais e efeitos inovadores dessa relação: ocupação do espaço público urbano, criação de tempo e de espaço próprios, ausência de lideranças e de programas. Vou me servir apenas de dados históricos apresentados pelo autor para pensar, à luz da psicanálise, algumas hipóteses sobre as manifestações de indignação e suas contribuições à reflexão sobre os impasses e destinos da democracia.

Fiat Lux! Uma convocação por meio digital e milhares saem à rua para reivindicar direitos, expressar suas insatisfações, protestar contra o abuso de poder, contra a corrupção, contra tarifas indevidas, etc., etc. Massas não lideradas por um líder determinado ou partido político, embora

algumas delas tenham tidos heróis rebeldes ou mártires como ponto de partida. A morte, seja a do Pai da horda ou a de um mártir do século XXI significa o anúncio de um novo tempo.

Tudo começa inesperadamente na Tunísia. Um jovem se sacrifica em frente ao prédio do governo. O ato foi uma resposta à humilhação que sofria cotidianamente - o confisco de sua banca de verduras e frutas pela polícia local ao recusar se submeter ao pagamento de propina. A cena foi postada na internet e, num curto espaço de tempo, levou milhares a protestarem contra o governo. Em alguns dias, graças às redes sociais e à ocupação do espaço urbano, o ditador Ben Ali deixava país. Logo em seguida chegou a Primavera Árabe”. Guardando as diferenças político-ideológicas de cada país, o fato é que, em pouco tempo, os movimentos na Arábia Saudita, na Líbia e no Iêmen depuseram seus presidentes vitalícios e ditadores. No Egito a indignação do povo contra a pobreza, desemprego, sexismo, falsa democracia, opressão religiosa e brutalidade policial destronou o último dos faraós e deu origem a novos movimentos políticos apoiados pelas redes sociais. Chama a atenção nos protestos egípcios seu caráter anticapitalista: as manifestações de indignação, segundo os analistas políticos, recaíram sobre a “ditadura” do capital travestido de democracia.

Mas vejam: os protestos também surpreenderam os países “francamente” democráticos, dando mostras de que a democracia precisa de ser reinventada, se é que ela “existe” de fato em algum país. Exemplos: a Revolução das Panelas” na Islândia foi fruto da indignação de muitos frente aos resultados negativo das especulações do capitalismo financeiro. Os Indignados na Espanha”, cientes do reino podre de seu sistema político que admitiu os excessos das especulações capitalistas cunharam uma frase bastante contundente: “Nossa democracia parlamentar faliu junto com o

sistema econômico que a sustentava”. E o caso de perguntar: que sistema político é esse que permitiu uma satisfação pulsional de tal ordem ao ponto de quebrar os limites das políticas democráticas?

Na mesma linha, “Occupy Wall Street”, gerou a consciência de que “a forma institucionalizada de democracia representativa não foi suficiente para combater os excessos do capitalismo”. Dito de outra forma: o “big brother Wall Street” controlou os Estados Unidos sem dificuldades, corrompendo legalmente o Congresso. Em termos lacanianos, a democracia, por estar submetida ao poder de Wall Street, não pôde impedir a totalização e contabilização do mais-de-gozar capitalista.

Finalmente no Brasil, o movimento “Passe Livre” - que num princípio significou um grito de indignação contra o aumento do preço dos transportes, revelou um sentido muito singular: a tomada de consciência da falácia dos partidos políticos, estruturas governamentais, a falta de educação, saúde, bem estar para o povo brasileiro, a redução da democracia a um mercado de votos, prática essa exercida tanto pelos partidos de direita como os de esquerda, negócios mafiosos, corrupção, por parte do governo estadual e federal. “Não são os centavos, são os nossos direitos”! Indignação e reivindicação de direitos gerou uma proposta contundente: “Trocamos dez estádios por um hospital decente” - Nota se, por essa frase, que os manifestantes além de acusar a corrupção de um Congresso, tinham em mente uma solução coerente com qualquer nação democrática que, por princípio, tem como urgência a saúde e a educação do país. Em poucas semanas, pela força da indignação, segundo a análise do crítico literário Roberto Schwartz (2013), o Brasil que logrou incluir os excluídos foi substituído por outro país, em que o transporte popular, a educação e a saúde pública são um desastre.

Os brasileiros vivem hoje o paradoxo de estar comemorando o fim do golpe mili-

tar de 1964 e, ao mesmo tempo, manifestar indignação pelo fracasso do regime democrático que o sucedeu. As Jornadas de Junho nada mais foram do que uma resposta, como todo o sintoma, à esse fracasso. Podemos arriscar dizer que a diferença entre o acontecimento de maio de 1968 em Paris e a de junho de 2013 no Brasil, reside em que se a primeira solicitava um Mestre, a segunda tenta mudar a história política brasileira e seus infortúnios nas mãos de líderes e partidos políticos obscenos. Resta saber, o que talvez ainda seja impossível determinar o destino do que as manifestações começaram a denunciar.

Continuemos, a partir daqui, na companhia de interlocutores que se empenham e refletir sobre a singularidade da incursão da psicanálise na política. O que nos interessa nesse momento é refletir sobre a democracia, definida pela psicanálise como o sistema político fundado na associação de irmãos que pactuaram entre si deixar vazio o lugar que fora ocupado pelo poder tirânico. A democracia, enquanto sistema fundado sobre as leis da linguagem, é marcada pela falta. Recorrerei ao pensamento do Yannis Stravarakakis, cientista político e autor de muitos trabalhos sobre a relevância da psicanálise para a teoria social e análise do político. Em seu livro *Lacan e o político* (Stravarakakis, 2007), ele defende que a radicalização da democracia só pode ocorrer dentro de uma perspectiva ético-política, em base ao estatuto ético da concepção freudiana do Inconsciente e às evidências demonstradas por Lacan, a partir do conceito de “Spaltung”, de que campo social é intrinsecamente dividido. Stravarakakis (2007) propõe que no lugar de uma ética de harmonia social, a ética sem ideal, tal como formulada na tradição lacaniana, seja incorporada ao exercício da democracia. Desde essa perspectiva não é possível conceber uma forma de democracia acabada e sem faltas porque isso significaria defender uma utopia à serviço do império da demagogia e da corrupção.

Seria preciso então admitir, com Jacques Derrida, a concepção de “democracia por vir”. Para esse filósofo a democracia é um sistema político a ser permanentemente construído. Nesse sentido, se pudermos enquanto analistas traduzir a ideia de democracia por vir, diria que trata-se de conceber a possibilidade de exercer uma política em base a reescrita de seus próprios traços originários. O porvir exige uma luta incessantemente contra o poder arbitrário, seja ele o protótipo da figura mítica do Pai totêmico, o chefe que promete às massas o fim do conflito e uma sociedade perfeita, ou qualquer outra figura hodierna, como por exemplo o capitalismo global. Reescrever a herança arcaica, nos termos de Totem e Tabu (Freud, 1913/2013a), os traços e os rastros do acontecimento mítico originário - a morte de uma figura de poder arbitrária. A reescrita dessa herança como estratégia política significa uma esperança, não no sentido usado por Castell no título de seu livro, que tomei emprestado, mas no sentido de exercício de uma ética orientada ao real. Uma esperança sem utopia; uma promessa que tem lugar no aqui e agora nos termos de Derrida: “em um aqui e agora que trato regularmente de dissociar do presente” (Derrida, 1996).

Essa esperança sem utopia encontramos, por exemplo, na declaração de uma rede criada em torno do grupo do Facebook: “Todos somos Khaled Said”, um manifesto à memória do jovem ativista espancado até a morte pela polícia num cybercafé após distribuir um vídeo mostrando a corrupção policial em Alexandria. A identificação dos manifestantes à verdade excluída do campo social é a tomada de uma posição ética sob a forma de uma promessa pois, conforme o pensamento de Derrida, não há linguagem sem a dimensão performativa da promessa. “Todos somos Khaled Saíd” é uma resposta ao intolerável do aqui e agora.

Se for possível para nós brasileiros fazermos o mesmo tipo de manifesto e nos

identificarmos ao jovem espancado na cidade do Rio de Janeiro por justiceiros “neo-nazistas” em nome do bem, a frase “Todos somos negros e pobres como aquele jovem carioca” pode ganhar a força necessária para se tornar um manifesto a favor da política democrática no século XXI. À tentativa de diminuir a desigualdade social exige, necessariamente, um processo de identificação ao sintoma da sociedade brasileira, o outro excluído das melhorias sociais. Esse eixo da ética lacaniana - o da identificação ao *sinthome*” - traduz a verdade de que o porvir da democracia depende não apenas de atos de indignação mas da responsabilidade de cada um diminuir o curso do rio da pulsão de crueldade, ou como dizia Freud, “distrair e desviar nossas pulsões do ato de destruir” (Freud, 1982, p. 398).

O assassinato do cinegrafista Santiago Andrade pelos Black Blocks numa manifestação no Rio de Janeiro em 2013, é a prova evidente da compulsão da repetição à destruir e matar que todos carregam à despeito das forças civilizatórias. Logo após essa morte que indignou o país, nossa Presidente, que recebeu as primeiras manifestações de rua nas cidades brasileiras com bom humor e reverência, anunciou que o Planalto não vai hesitar em colocar o exército na rua para garantir a ordem. Muito bem, a repressão é de fato um meio para calar a violência. Tanto a direita quanto a esquerda sabem disso muito bem. É hora, então, do psicanalista intervir na cultura mostrando que, se for necessário o exército na rua, isso não será o bastante para conter a violência nem muito menos para sustentar um projeto-ético democrático.

Um projeto ético-democrático deve procurar devolver à cultura brasileira entre outras coisas o senso de vergonha pelo que ocorre nesse país. “Todos somos aquele cinegrafista” mais do que uma manifestação de indignação, traduz a urgência de que essa morte inaugure um novo tempo.

O tempo do reconhecimento de que esse assassinato é parte verdadeira da história de cada um e não apenas da família do cinegrafista morto em serviço. A ação não pode ser tomada apenas como um “acidente”, como querem os Black Blocks”, ou como mera expressão de violência a ser reprimida pelo exército brasileiro. Sustentar o espaço democrático, requer, do ponto de vista da psicanálise, uma firme articulação entre a consciência dos limites que sustentam a convivência humana à uma crítica contínua das instituições democráticas contemporâneas.

Por fim, gostaria de incluir nesse artigo uma reflexão sobre o último acontecimento político na França que deixou o mundo perplexo diante do ataque terrorista à revista “Charlie Hebdo” e a imediata resposta da população – “Je suis Charlie”. Uma identificação aos mortos assassinados que, justamente, não ocupavam propriamente o lugar de estrangeiro do outro em terra própria. Dessa identificação, Freud nos retirou a ilusão: quando o homem experimenta o horror diante da crueldade, isso se dá porque no lugar da vítima, imagina um de seus familiares ou a si próprio. Seu narcisismo fica ferido no momento em que se identifica com a vítima. Esse é o momento em que a morte, enquanto estrutura simbólica da transmissão geracional, convoca o sujeito a se comprometer com a estratégia de convocar a vida. Ao dizer “Je suis Charlie”, os franceses conseguem uma posição mais firme para combater o terrorismo. Momento de despertar: “Posso ser eu a próxima vítima”. E o despertar, sabemos, significa construir uma narrativa sobre o trauma.

A crueldade assassina, não erotizada, é o mal maior da civilização contemporânea. O terrorismo é herdeiro da invenção das máquinas de extermínio no século passado. Uma verdadeira “cultura do extermínio” cujo alvo é o sacrifício do sujeito aos deuses obscuros do sistema totalitário. Se, freudianamente, é impossível erradicar

o Mal e o conflito entre os homens nesse mundo em que a discórdia das línguas se encontra cada vez maior, então, a luta interminável pela democracia exige do sujeito (individual ou coletivo) não justificar, em nenhum momento, a barbárie.

Resta então uma questão que só o tempo e os rumos da política nos próximos anos poderá responder: Será que esses movimentos que vimos se espalhar por várias cidades do mundo reinaugurou um novo tempo; tempo em que o jogo conflitante entre a Pulsão de Vida e a Pulsão de Morte rouba a cena da barbárie e renova, com a máxima potência, a cultura?

REFERÊNCIAS

- Castells, M. (2013). *Redes de Indignação e Esperança: movimentos sociais na era da Internet*. Rio de Janeiro. Zahar.
- Derrida, J. (1988) “Notas sobre desconstrucción y pragmatismo”. In. *Desconstrucción y Pragmatismo*. Buennos Aires Paidós, pp 151-170. (Original publicado em 1996).
- Freud, S. (1976) “Conferencias de introducción al psicoanálisis”, *Obras Completas*. vol. XVI. Rio de Janeiro: Imago. (Original publicado em 1917)
- Freud, S. (2013) *Totem e tabu*. Porto Alegre: L&PM. (Orinal publicado em 1913).
- Freud, S. (2013b). *Psicologia das massas e Análise do Eu*. Porto Alegre: L&PM. (Original publicado em 1921)
- Freud, S. (2010) *O mal-estar na cultura*. Porto Alegre: L&PM. (Original publicado em 1930)
- Freud, S. (2014) *O homem Moisés e a religião monoteísta*. Porto Alegre: L&PM. (Original publicado em 1939)
- Freud, S. *Correspondência de amor e outras cartas*, Rio de Janeiro. Nova Fronteira: 982.
- Lacan, J. (1970) *O Seminário. Livro 17 O avesso da psicanálise*. Rio de Janeiro, Zahar. (Original publicado em 1991).
- Lacan, J. (1998) *Escritos*. Trad. Vera Ribeiro. Riou de Janeiro, Jorge Zahar Editor. (Original publicado em 1996).
- Laia, S. “Análise e interpretação de uma ilusão coletiva: os discursos, a ação lacaniana a partir de maio de 68 e suas consequências”. *Instituto de Psicanálise e Saúde*. [www.institutopsicanalise-mg.com.br/psicanalise/..](http://www.institutopsicanalise-mg.com.br/psicanalise/) Acesso em 30 outubro de 2013.
- Plon, M. (2003) “Da política de *O mal estar* ao mal-estar na política”. In: *Em torno de mal-estar na cultura de Freud*. São Paulo. Escuta.
- Schwarz, R. (2013) “Contracapa”, In. *Cidades Rebeldes: passé livre e as manifestações que tomaram as ruas do Brazil*. São Paulo. Boi Tempo Editorial
- Stavrakakis, Y, (2007) *Lacan y lo político*. Buenos Aires: Prometeo Libros.